

O NOVO ROSTO DA AUTORIDADE NA VIDA CONSAGRADA

José Vieira, mccj

Convidaram-me para explorar «O novo rosto da autoridade na vida consagrada» à luz do tema «Inovar na vida consagrada».

Novo rosto? O novo rosto da autoridade não se consegue através de uma campanha massiva de cirurgias plásticas já que um grande número de pessoas em autoridade é entrado nos anos. Faz-se, sim, através de um transplante, da cordialidade: os novos corações da autoridade. As consagradas e consagrados em autoridade são desafiados a servir com coração.

É este o transplante que Deus propõe ao querer mudar corações petrificados em corações encarnados. O Senhor prometeu pela boca do profeta: «Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne»¹. Daí que eu gostava de chamar a esta reflexão «Os novos corações da autoridade na vida consagrada».

Uma nota: esta partilha não é um exercício teórico; é uma reflexão em voz alta a partir da minha experiência no serviço da autoridade como superior de comunidade em Lisboa e Juba, conselheiro provincial em Portugal, vice-provincial no Sudão do Sul e provincial em Portugal e de 35 anos de obediência professa.

TRÍPTICO BÍBLICO

A bíblia apresenta muitos e diversos quadros sobre o serviço da autoridade, sobre a arte do mando. Evoco três ícones para enquadrar esta reflexão ao jeito de um tríptico:

1. Juízes 9, 8-15: «As árvores puseram-se a caminho para ungirem um rei para si próprias. Disseram, então, à oliveira: “Reina sobre nós.” Disse-lhes a oliveira: “Irei eu renunciar ao meu óleo, com que se honram os deuses e os homens, para me agitar por cima das árvores?” As árvores disseram, depois, à figueira: “Vem tu, então, reinar sobre nós.” Disse-lhes a figueira: “Irei eu renunciar à minha doçura e aos meus bons frutos, para me agitar sobre as árvores?” Disseram, então, as árvores à videira: “Vem tu reinar sobre nós.” Disse-lhes a videira: “Irei eu renunciar ao meu mosto, que alegra os deuses e os homens, para me agitar sobre as árvores?” Então, todas as árvores disseram ao espinheiro: “Vem tu, reina tu sobre nós.” Disse o espinheiro às árvores:

¹ *Exequiel 36, 26*

“Se é de boa mente que me ungis rei sobre vós, vinde, abrigai-vos à minha sombra; mas, se não é assim, sairá do espinheiro um fogo que há-de devorar os cedros do Líbano!”.»

2. Lucas 12, 42-46: Disse Jesus: «Quem será, pois, o administrador fiel e prudente a quem o senhor pôs à frente do seu pessoal para lhe dar, a seu tempo, a razão de trigo? Feliz o servo a quem o senhor, quando vier, encontrar procedendo assim. Em verdade vos digo que o porá à frente de todos os seus bens. Mas, se aquele administrador disser consigo mesmo: “O meu senhor tarda em vir” e começar a espancar servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que ele menos espera e a uma hora que ele não sabe; então, pô-lo-á de parte, fazendo-o partilhar da sorte dos infiéis.»

3. Mateus 23, 8: Jesus disse: «Quanto a vós, não vos deixeis tratar por '*mestres*', pois um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos.»

Estes três ícones bíblicos dão outras tantas indicações preciosas:

1. Primeiro: **o serviço da autoridade não é um ato de vaidade**, um «agitar-se por cima dos outros». Faz-me espécie ver consagradas e consagrados em bicos de pés durante os processos de escolha de superiores, maiores ou não. Depois, o serviço da autoridade tem custos pessoais, renúncias concretas. Nesta parábola antimonárquica a oliveira, a figueira e a videira não querem renunciar aos seus frutos para se pavonearem sobre as outras árvores. Por outro lado, o espinheiro quer dar sombra com os seus espinhos; ou fogo se houver má-fé por parte das árvores que o elegeram para reinar sobre elas. Por outro lado, esta parábola parece sublinhar **a dificuldade de encontrar gente com qualidade disponível para servir**. É uma experiência feita repetidamente por pessoas em situação de liderança. Mais ainda, há pessoas que planeiam a própria vida em termos de carreira e estão sempre prontas para o degrau seguinte. Recordo que alguém me deu os parabéns pela carreira quando fui eleito presidente da CIRP. Respondi que prefiro o comboio: é mais confortável, apesar de ser ligeiramente mais caro!
2. Os que exercem autoridade são **administradores fiéis e prudentes, escolhidos para alimentar aqueles que lhes foram confiados**: não são donos, mas mordomos. Não exercem o serviço para proveito próprio mas cuidam, dão alimento. São alimento. O Senhor *agracia-nos* (com o estado de graça) para desempenhar o serviço. Fomos escolhidos através do discernimento das coirmãs e dos coirmãos: a autoridade foi-nos conferida, não é privada ou unipessoal, intransmissível; é temporal; é a soma de todas as liberdades postas nas nossas mãos através do voto electivo para alimentar a sua humanidade, a sua divindade contra a anorexia, acédia, aposentação espirituais.

A *Regra de Vida* do meu instituto diz que «este serviço é prestado à comunidade e a cada membro para o ajudar a viver segundo a sua consagração e a desenvolver os seus carismas e dons pessoais no serviço missionário.»² Alimentar – mais que dar comida – é aceitar ser «comida» para as coirmãs e coirmãos. **A bondade e o amor são os manjares na mesa posta pelo pastor bom e belo.**³ Aceitar ser comida é ser bondade e amor para os outros.

3. **Somos todos irmãos e irmãs.** Este foi o primeiro nome pelo qual os cristãos se trataram entre si. O termo está amplamente documentado nas cartas de Paulo. A fraternidade e a sororidade são o chão raso sobre o qual construímos toda a vida cristã incluindo o serviço da autoridade que rima com bondade, ao jeito de Deus: «Mas Tu, que dominas a tua força, julgas com bondade e nos governas com grande indulgência»⁴.

O Senhor quer-nos bons e indulgentes para com todos, ajudando-os a serem fiéis ao sonho de Deus a seu respeito com ternura e misericórdia. Esta visão esbarra com o adágio comum entre consagrados que os superiores tender a ser fortes com os fracos e fracos com os fortes!

VINHO NOVO, ODRES NOVOS

A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica publicou a 6 de Janeiro de 2017 as *Orientações* intituladas *Vinho novo, odres novos – a vida consagrada desde o Vaticano II e os desafios ainda em aberto.*⁵

O documento, classificado na introdução como «um exercício de discernimento», passa em revista o caminho feito pela vida consagrada desde o Vaticano II para «ler práticas inadequadas, indicar processos bloqueados, fazer perguntas concretas, pedir razões das estruturas de relação, de governo e de formação sobre o apoio real dado à forma de vida evangélica das pessoas consagradas [e] levar a cabo mudanças, mediante acções concretas a breve e longo prazo.»⁶

O serviço da autoridade e os modelos relacionais encontram-se entre os desafios ainda em aberto na vida consagrada (n.ºs 19-24). O diagnóstico é complexo: sublinha a tensão entre autoridade centralizada nas cúpulas e o princípio da subsidiariedade e da autonomia governativa; autoritarismo, pessoalização da autoridade pondo de lado as estruturas de conselho na governação; desrespeito pelas decisões capitulares;

² Missionários Combonianos do Coração de Jesus: *Regra de Vida* 102

³ *Salmo 23*, 6

⁴ *Sabedoria 12*, 18

⁵ Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica: *Vinho novo, odres novos – a vida consagrada desde o Vaticano II e os desafios ainda em aberto*. Refiro o documento como *Orientações*.

⁶ *Orientações*, introdução

«ausência de delegações convenientes»; grupos de poder que detêm a capacidade de decidir; «episódios e situações de manipulação da liberdade e da dignidade das pessoas» reduzindo-as à dependência total e ao infantilismo; clericalização da vida consagrada com os consagrados-padres a dedicam-se mais ao ministério que à da comunidade.

A resposta a estes desafios abertos encontra-se no «espírito de Cristo que não veio para ser servido mas para servir, [...] o Jesus servo que lava os pés aos seus discípulos para que tenham parte na sua vida e no seu amor»;⁷ na renúncia generosa a todo o tipo de privilégios e esquemas obsoletos para poder «abrir novos horizontes e possibilidades no governo, na vida comum, na gestão dos bens e na missão».⁸

As *Orientações* indicam algumas mudanças concretas no exercício da autoridade. Advogam a alternância no governo para parar a perpetuação em certos cargos, sobretudo nas congregações femininas; manifestam a percepção de que «a própria terminologia de “superiores” e “súbditos” já não é adequada»;⁹ a relação piramidal e autoritária tem que dar lugar ao discernimento comunitário circular e à «obediência criativa» baseada na fraternidade evangélica.

A III Parte do documento intitulada «Preparar odres novos» preconiza novas práticas à luz da vida de Jesus.

Os n.ºs 38 a 54 tratam do caminho para a relacionalidade evangélica. Começa por sublinhar os processos multiculturais nos institutos – sobretudo femininos –, consequência da internacionalização das famílias de consagrados. Pede uma mudança de atitude «da centralidade do papel da autoridade à centralidade dinâmica da fraternidade»¹⁰, ao serviço da comunhão: «um verdadeiro ministério para acompanhar os irmãos e as irmãs até uma fidelidade consequente e responsável.»¹¹

Esta proposta vê o exercício da autoridade a partir da «partilha responsável de um projecto comum»¹², «um serviço de autoridade que apele à colaboração e a uma visão comum sobre o estilo da fraternidade»¹³ para além do autoritarismo e a autoridade privada que geram situações de conflito e contencioso.

As *Orientações* falam de uma rotação necessária da autoridade e «reposição de gerações»¹⁴ no exercício da mesma. Este ponto é também válido para a eleição dos delegados aos capítulos – que deve ter em conta a nova geografia que «tem vindo a

⁷ Idem, 21

⁸ Idem, 22

⁹ Idem, 24

¹⁰ Idem, 41

¹¹ Idem, 41

¹² Idem, 42

¹³ Idem, 43

¹⁴ Idem, 46

redesenhar novos equilíbrios culturais na vida e no governo dos institutos»¹⁵ – e exige a iniciação aos cargos de responsabilidade. Este é um dado importante: preparar as novas gerações de consagradas e consagrados para o serviço da autoridade.

AUTORIDADE DIACONAL

O exercício da autoridade ao jeito de Jesus é um serviço que tem que ser cada vez mais sinodal: um caminhar juntos, partilhado, próximo e afetivo para empoderar as pessoas a viverem plenamente a sua vida e a sua vocação inseridas num projeto de vida fraterna comum.

Sinodalidade. O Papa Francisco é um modelo interessante de sinodalidade e proximidade afetiva que está a fazer escola. Até Marcelo Rebelo de Sousa o segue na presidência dos afetos. A palavra sínodo é formada a partir de duas palavras gregas: *syn*=juntos e *hodos*=caminho. Sinodalidade indica «caminho juntos». Não é possível desempenhar o serviço da autoridade à distância, a partir do conforto do escritório ou no resguardo do título. Sendo irmãs e irmãos que caminhamos juntos temos que nos fazer próximos uns dos outros, uma proximidade afectiva, cordial e humana.

A caminhada para Emaús, «a mais bela viagem de doze quilómetros de toda a Escritura»¹⁶ pode dar algumas indicações para este caminhar juntos. Sublinho duas:

1. A necessidade de **acertar o passo pelos mais lentos**; não pode haver uma comunidade a várias velocidades: desengonça-se, desarticula-se. A paciência e o diálogo ajudam a acertar o passo. «Sozinhos vamos mais rápido, juntos vamos mais longe», diz um ditado muito citado.
2. **Ler e entender a vida e os acontecimentos à luz da Palavra de Deus**; o GPS de uma comunidade de consagrados é a Palavra de Deus «escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada» como descreve o Papa Francisco.¹⁷

Proximidade. Jesus, com o seu jeito amigo e próximo, democratizou a amizade divina. No Antigo Testamento só Abraão¹⁸ e Moisés¹⁹ foram chamados amigos de Deus.

O Mestre de Nazaré disse aos discípulos e diz a cada um de nós: «Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai». ²⁰

¹⁵ Idem, 53

¹⁶ D. António Couto: *Quando Ele nos abre as escrituras domingo após domingo: Uma leitura bíblica do Lecionário Ano A*, página 117

¹⁷ *Evangelii gaudium*, nº 174

¹⁸ *Isaiás* 41, 8; *Tiago* 2, 23

¹⁹ *Exodo* 33, 11

²⁰ *João* 15, 15

Chamar amigos significa **dar a conhecer**, partilhar informação para empoderar as pessoas para ajuizarem situações ou factos, exercerem o discernimento, uma palavra tão jesuíta que o Papa Francisco recuperou. Esta atitude de Jesus vai contra o secretismo com que por vezes se exerce o ministério da autoridade.

Fazer da amizade o modo da autoridade quer dizer deixar o resguardo da comunicação oficial através de cartas com cabeçalho e dos pombos-correios que usamos para enviar mensagens para assumir o desafio de uma autoridade de proximidade, descobrindo e acreditando na força revolucionária da ternura e do afeto.²¹

O Papa está a recuperar o poder da ternura na vida das pessoas: ela aproxima, facilita a mística do encontro. Diz o povo que não se apanham moscas com vinagre. É verdade! A ternura é um dado importante para o serviço da autoridade cordial. «Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos», escreve Antoine de Saint-Exupéry.²² A ternura é uma postura teologal fundamental em qualquer exercício de discernimento e um olhar mais profundo da realidade.

Os psicólogos estudam cada vez mais a inteligência cardíaca,²³ a inteligência do coração. Porque o coração também pensa. A máxima kantiana de penso logo existo deve dar lugar a uma visão mais abrangente: amo logo existo. A sabedoria das Escrituras Judaicas explica: «Meu filho, dá-me o teu coração, e os teus olhos se comprazam nos meus caminhos.»²⁴

Empoderamento. «A glória de Deus é o homem vivo»²⁵ como tão bem expressou Santo Ireneu de Lião. O exercício da autoridade deve levar a vivificação das pessoas, de quem está no mando e de quem obedece.

Uma monja carmelita amiga disse-me: «Entre nós não há superiores, há madres». O serviço da autoridade é um modo de exercer a maternidade e paternidade que trazemos inscritas em cada célula do nosso ser: dar vida aos que se submetem à autoridade através do seu voto eletivo. O exercício da autoridade não pode ser um dedo em riste castrante, uma súmula de interditos. Tem que ajudar os coirmãos e as coirmãs a serem mais, a serem melhor, para que tenham vida e a vida em plenitude.²⁶ Essa é a missão de Jesus, a missão que partilha connosco.

Delegação. Podemos aprender algo muito importante com Jetro, o sogro de Moisés, no exercício da autoridade.

²¹ Cf. Papa Francisco: *A alegria do Evangelho*, nº 288

²² Antoine Saint-Exupéry: *O pequeno príncipe*

²³ <https://juvenil.net/index.php/crescer/412-inteligencia-cardiaca-o-que-e-isso>

²⁴ *Provérbios*, 23, 26

²⁵ <https://communioscj.wordpress.com/2011/04/18/%E2%80%9Ca-gloria-de-deus-e-o-homem-vivo-e-a-vida-do-homem-consiste-na-visao-de-deus%E2%80%9D-ireneu-de-liao-contra-as-heresias-iv-20-7-1-por-diac-daniel-scj/>

²⁶ Cf. *João* 10, 10

O líder da comunidade do êxodo andava tão estafado a resolver todas as situações no acampamento do Sinai que nem tempo tinha para comer ou dormir. Jetro, homem de grande olho e sabedoria, ao ver a situação do genro, pergunta a Moisés: «O que é isso que tu fazes pelo povo? Por que razão te sentas tu sozinho, e todo o povo fica junto de ti de manhã até à noite? Não está bem aquilo que estás a fazer. Com certeza desfalecerás, tu e este povo que está contigo, porque a tarefa é demasiado pesada para ti; não poderás realizá-la sozinho. Agora, escuta a minha voz; vou dar-te um conselho, e que Deus esteja contigo! Tu estarás em nome do povo em frente de Deus, e tu próprio levarás as causas a Deus. Adverti-los-ás dos preceitos e das instruções e dar-lhes-ás a conhecer o caminho que devem seguir e as obras que devem praticar. Escolhe tu mesmo entre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, homens íntegros, que odeiem o lucro ilícito, e estabelecê-los-ás como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Eles julgarão o povo em todo o tempo. Toda a questão que seja grande, eles a apresentarão a ti, mas toda a questão menor, julgá-la-ão eles mesmos. Torna assim mais leve a tua carga, e que eles a levem contigo. Se fizeres desta maneira, e se Deus to ordenar, tu poderás permanecer de pé, e também todo este povo entrará em paz nas suas casas.»²⁷

Palavras sábias: «Com certeza desfalecerás, tu e este povo que está contigo. [...] Torna assim mais leve a tua carga, e que eles a levem contigo.» Os conselheiros gerais e provinciais servem para isto mesmo: para aligeirar o peso do serviço da autoridade. Delegar parte do serviço da autoridade faz com que não andemos como baratas tontas de um lado para o outro a tentar apagar todos os fogos e ... a ateá-los ainda mais!

Liberdade. Quando iniciei o meu serviço como provincial escrevi: «Sei que a autoridade de que fui investido representa a soma de todas as liberdades postas nas minhas mãos através do vosso voto».²⁸

Quem está em autoridade tem nas próprias mãos «a gloriosa liberdade dos filhos de Deus»²⁹, uma liberdade que Deus respeita plenamente, o dom maior que Deus nos fez. Não se pode brincar com a «gloriosa liberdade» dos outros.

Os que aceitam o serviço da autoridade devem recordar constantemente a palavra de Paulo aos cristãos da Galácia: «Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados.»³⁰

Modelos de autoridade. A Igreja e a sociedade civil afetam-se mutuamente na busca de modelos de governo. Ao longo da história houve um diálogo interessante e intenso, mas a Igreja a certo ponto ficou para trás, encantada com as seguranças do

²⁷ Êxodo 18, 14. 17-23

²⁸ Diálogo n.º 128, Janeiro-Março 2014, página 4

²⁹ Romanos 8, 21

³⁰ Gálatas 5, 13

absolutismo monárquico, que canonizou.

A Igreja, a comunidade discernente dos crentes, tem que passar do modelo da monarquia (absoluta) em que parece ter cristalizado para uma sinarquia, uma liderança colectiva à volta de um projecto comum de fraternidade e missão. A colegialidade que está na origem das conferências episcopais é um primeiro e tímido passo em direcção a essa mudança.

No princípio, a autoridade da Igreja estava nas mãos dos patriarcas. O bispo de Roma era reconhecido como primeiro entre iguais. A autoridade era colegial. Por outro lado, há grandes páginas de democracia participativa na história da Igreja – recorde a eleição do catecúmeno Ambrósio para bispo de Milão – que nos impelem para um processo decisório mais aberto e participado e menos opaco e tortuoso.

O Papa escreve em *A alegria do Evangelho* que se pode ir mais longe: «no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade.»³¹

Discernimento. Na minha juventude, o pedido de uma maior participação no processo decisório na Igreja esbarrava quase sempre com o refrão estafado de que a Igreja não era uma democracia.

Sim, podemos dizer que a Igreja não é uma democracia, mas é uma comunidade que discerne junta a vontade de Deus, porque o Espírito Santo é dado a todos os baptizados.³² Este discernimento tem que ser um exercício constante para ler os sinais dos tempos e descobrir os caminhos que Deus propõe através desses sinais.

Os capitulares combonianos de 2015 escreveram: «os princípios que nos inspiram no discernimento para chegar a decisões comuns são a colegialidade, subsidiariedade, corresponsabilidade, interacção entre as circunscrições e uma liderança partilhada».³³ Temos aqui os elementos que fazem a gramática da autoridade renovada.

Ligada ao discernimento está a capacidade e a necessidade de decidir, de tomar decisões. Não se pode procrastinar, adiar decisões até ao Julgamento final. O consagrado em autoridade não pode impor, mas deve ajudar a assumir.

No processo de discernimento a questão fundamental a resolver é entender o que é que Deus quer de nós e de cada um de nós. O papel do serviço da autoridade é ajudar os coirmãos e coirmãs a ir mais longe no cumprimento do projeto de Deus, a fazer a sua vontade no contexto da comunidade. Nessa busca comum há também a dimensão

³¹ *Evangelii gaudium* 246

³² Ver *Actos* 2, 28

³³ Missionários Combonianos do Coração de Jesus: *Documentos Capitulares 2015*, n.º 41

do desafio a ir mais longe. Vai aos jogos olímpicos quem consegue os mínimos estabelecidos. Na vida consagrada é diferente: tenta-se maximizar a graça recebida com a vocação/missão de cada um. Daí que a autoridade tenha que desafiar as e os consagrados não para os mínimos mas para os máximos da sua vida e missão!

Designação. As *Orientações* da Congregação para a os Institutos de Vida Consagrada e as sociedades de vida apostólica declaram que o binómio superior-súbdito está ultrapassado.³⁴ Entendo que as designações superior e súbdito pressupõem uma relação assimétrica de poder que contrasta com a visão de autoridade como serviço.

O Código de Direito Canónico consagrou o termo superior/superiora para designar quem governa.³⁵ Mas não é a única designação. Os franciscanos têm o ministro-geral e o guardião, os salesianos o reitor-mor e o director, os dominicanos mestre-geral e o prior... Isto para mencionar alguns grupos masculinos que – imagino – não esgotam a riqueza de designações do ministro da autoridade.

Coordenador, facilitador, animador podem também ser termos viáveis para quem está em autoridade. Reconheço, contudo, que não é fácil sair-se do círculo dos termos em uso. Na direção da CIRP tentámos encontrar uma alternativa para a designação «superiores maiores» e fomos mal sucedidos.

PONTAS SOLTAS

O exercício da autoridade marca-nos como um ferrete, muda algumas percepções para o bem ou para o mal. Depende da orientação que lhe queiramos dar.

Da primeira vez que fui eleito conselheiro provincial não aceitei o segundo mandato, porque fiquei a saber coisas que era muito melhor que não soubesse. Às vezes é difícil lidar com o lado escondido de alguns coirmãos.

Através do ministério da autoridade vivido como superior, conselheiro, vice-provincial e provincial aprendi algumas dimensões que quero partilhar com vocês e que podem fazer parte da plástica dos novos rostos da autoridade:

- ✓ **Amar os coirmãos** como são e não como queria que fossem: com as suas forças e as suas fraquezas, luzes e sombras, graça e pecado, com as suas histórias pessoais, as suas feridas e conflitos; um amor sofrido, doloroso até, mas um amor mais realista e concreto, um amor mais verdadeiro; menos cor-de-rosa e mais vermelho-sangue.
- ✓ **Louvar o Senhor por cada um deles** e transformar o louvor em oração. Paulo escreveu aos cristãos de Tessalónica: «Damos continuamente graças a Deus por

³⁴ *Vinho novo, odres novos – a vida consagrada desde o Vaticano II e os desafios ainda em aberto*, 24

³⁵ *Código de Direito Canónico*, Cânone 617

todos vós ao fazermos menção de vós nas nossas orações.»³⁶ Há situações tão complicadas em que a oração de entrega nas mãos de Deus é o único recurso que resta a quem está no serviço da autoridade. Porque toda a autoridade vem d'Ele.³⁷ Costumo passar em revista mental os missionários, um a um, através das sete comunidades da província e louvar o Senhor por todos e cada um deles. É um exercício fácil quando se está numa província de 40 e poucos membros, mas é essencial para «sentir» os confrades a outro nível: através do coração misericordioso de Cristo, o bom pastor. É um exercício fundamental para não julgar os outros. Orar é louvar, agradecer, interceder pelos servos sofredores. Estou convencido de que **se falarmos menos uns dos outros e rezarmos mais uns pelos outros estamos a ser parte da solução** em vez de nos limitarmos a ser parte de algum problema.

- ✓ **A autoridade não é pessoal:** fui escolhido e nomeado provincial por dois períodos de três anos. No dia 1 de janeiro de 2020, volto a «soldado-raso», simples trabalhador na vinha do Senhor onde quer que os meus irmãos maiores me destinem (e ainda melhor se a Etiópia for a destinação). Esta provisoriedade e rotatividade são uma bênção para quem exerce a autoridade e para quem escolhe: se a eleição foi errada, o erro pode ser emendado depois de um mandato! O que me leva a Lucas 17, 10: «Assim, também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: 'Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer'». O meu professor de grego bíblico ficava todo abespinhado com esta tradução. Ele dizia que o que Jesus diz é que somos servos não necessários – que é muito diferente de sermos servos inúteis. De qualquer modo, nós os consagrados em autoridade somos servos não necessários: outra ou outro vai estar no nosso lugar! A autoridade é um serviço temporal que nos é pedido e somos chamados a exercê-lo com gratuidade e amor sem cobrar nada em retorno em termos de privilégios, mordomias, atenções... Fomos mandatados: mandados exercer um ministério!
- ✓ **Jesus-servo (sofredor).** Há muitas maneiras de entender o ministério da autoridade diaconal, muitos modelos de governar. As *Orientações* propõem o ícone de Jesus-servo do lava-pés como atitude inspiradora.³⁸ Por isso, no exercício do ministério da autoridade é fundamental manter os olhos fixos em Jesus que chamou os discípulos e lhes disse: «Sabeis como aqueles que são considerados governantes das nações fazem sentir a sua autoridade sobre elas, e como os grandes exercem o seu poder. Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos. Pois também o Filho do Homem não veio

³⁶ 1 Tessalonicenses 1, 2

³⁷ Romanos 13, 1

³⁸ Orientações, 21

para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos.»³⁹

Jesus ensina-nos a servir e a dar a vida. O único paramento que usou na sua vida foi uma toalha atada à cintura para lavar os pés dos discípulos durante a última ceia.⁴⁰ E foi com a toalha à cintura que foi para a paixão, porque João não diz que Jesus a tirou, mas que pôs de novo o manto.⁴¹

Este modelo é também um alerta contra o carreirismo: «não deve ser assim entre vós.» Por isso Jesus faz a leitura interpretativa do lava-pés nestes termos: «Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática.»⁴²

Juntei sofredor ao ícone do Jesus-servo para sublinhar outro ponto importante: a autoridade (e a obediência) dói, fere. O padre José Tolentino Mendonça nota que «a opção por seguir Jesus não nos poupa ao sofrimento: dá-nos a capacidade de o viver na confiança.»⁴³

O autoritarismo é um modo equivocado de exercer a autoridade que faz muitos estragados. E a vã glória de mandar pior ainda. Antoine de Saint-Exupéry nota com sabedoria: «se o indivíduo se exalta na própria importância, em breve o caminho se converte em parede».⁴⁴ A misericórdia e a humildade são uma terapia eficaz para curar a doença do autoritarismo ou da autoridade mal parada!

Por outro lado, o exercício da autoridade também fere quem manda. Somos nativos da cultura actual onde «o individualismo pós-moderno e globalizado oferece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares».⁴⁵ A autonomia tão reclamada hoje é o outro nome do pecado original. Torna-se cada vez mais complicado exercer o serviço da autoridade a favor de um projeto de vida comum e comunitário numa cultura individualista. E quem manda, muitas vezes também sofre e fica ferido. O poder curativo do rezar uns pelos outros é o remédio genérico muito efetivo e barato. Tiago exorta: «orai uns pelos outros para serdes curados. A oração fervorosa do justo tem muito poder.»⁴⁶ Mais efetiva do que criticar e falar uns dos outros.

A humildade e a mansidão de coração também ajudam a curar as feridas da autoridade mal exercida, aceitando o convite de Jesus que diz «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos. Tomai

³⁹ Marcos 10, 42-45

⁴⁰ João 13, 4

⁴¹ João 13, 12

⁴² João 13, 14-17

⁴³ José Tolentino Mendonça: *A mística do Instante*

⁴⁴ Antoine de Saint-Exupéry: *Piloto de Guerra*

⁴⁵ Papa Francisco: *A alegria do Evangelho*, 67.

⁴⁶ Tiago 5, 16

sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito.»⁴⁷

- ✓ **Patrão-pastor.** O P. José Tolentino Mendonça termina a sua obra mais recente com um pequeno texto intitulado «O brilho que deixarás». Escreve: «Faz o que possas e o que não possas esforça-te até ao extremo, luta, batalha, conquista. Morde os dentes à realidade dura e não a largues até a domares. Faz isso tudo como se a grande tarefa dependesse do teu ânimo e do investimento do teu suor. Não deixes, porém, de saber que nada te pertence. Tu não és dono, és pastor.»⁴⁸ Palavras sábias estas que nos remetem à essencialidade do serviço da autoridade: nada nos pertence. Não somos donos nem patrões de ninguém, somos pastores. A figura evangélica de Jesus o bom pastor do coração trespassado – urdida a partir do capítulo décimo de São João – funciona como outro grande modelo de governo e do exercício da autoridade. O pastor vai à frente, indica o caminho. Quando eu era miúdo e ia com as ovelhas, ia atrás e guiava o pequeno rebanho com alguns berros, um pau e às vezes à pedrada! Não é o que se espera de um pastor. Se mando e não faço o outro pode muito bem dizer: «Vai tu!»

GRAMÁTICA DA AUTORIDADE CORDIAL

Podia ter preparado esta intervenção, vasculhando livros e artigos sobre o novo rosto da autoridade na vida consagrada e apresentar um texto liso e coado sobre o tema. Mas não é esse o meu estilo nem o meu interesse.

Preferi partir da minha experiência revisitada de autoridade e de obediência ao jeito de Maria de Nazaré «que conservava todos estes acontecimentos, **compondo-os** em seu coração»⁴⁹ como traduz Dom António Couto, bispo de Lamego. Esta apresentação foi mais em jeito de partilha do que uma lição teórica – para a qual não me sinto nem preparado nem motivado.

E deixo um desafio: vamos viver a autoridade cordial através de uma gramática mais criativa, próxima e terna. E reaprender a viver sob o olhar misericordioso de Deus e de cada coirmã e coirmão com quem partilhamos a vocação, a missão, a vida e o pão.

Obrigado.

⁴⁷ *Mateus* 11, 28-29

⁴⁸ José Tolentino Mendonça: *O pequeno caminho das grandes perguntas*, página 165

⁴⁹ *Lucas* 2, 19